

# LITERATURA E HISTÓRIA: PASSAGEIROS DO ESPERANÇA E PASSAGEIROS DO ALIANÇA: UMA MESMA OUTRA PONTA DA DIÁSPORA AFRICANA

Édimo de Almeida Pereira

Universidade Federal de Juiz de Fora  
- UFJF

# A

constatação de que muitas narrativas ficcionais vêm sendo utilizadas nas escolas como objeto de trabalho para dar cumprimento às disposições da Lei 10.639/2003 – a qual torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana em todas as escolas, públicas e particulares, do Ensino Fundamental até o Ensino Médio – leva-nos a buscar uma análise da possibilidade de aproximação entre as linhas de estudo da Literatura e outras disciplinas tais como a História e a Geografia, dentre outras. Tendo em vista o trabalho de pesquisa antropológica e histórica que norteou a escrita ficcional de Antonio Olinto na elaboração de sua reconhecida trilogia *Alma da África*, este artigo procura abordar alguns aspectos do primeiro romance que a compõe, ou seja, *A casa da Água*, publicado em 1969 pelo escritor ubaense. Referidos aspectos se acham relacionados com a temática do traslado de ex-escravizados e de seus familiares afro-brasileiros em direção ao outro lado do Atlântico Negro, expressão recorrente na obra do teórico Paul Gilroy. Entrecruzando os elementos da realidade de navios negreiros não só com aspectos da rotina das viagens dos veleiros que no século XIX foram utilizados como transporte aos ex-escravizados em sua jornada de retorno à África, mas também com a verve ficcional olintiana, traremos a efeito uma abordagem panorâmica do romance em questão, considerando os pontos de proximidade entre a ficção e a realidade histórica, passíveis de trabalho pelo professor em sala de aula. A trilogia *Alma da África*, a partir dessa perspectiva, inaugura novas possibilidades para a inserção da temática da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana no âmbito da reflexão acadêmica, na medida em que o autor, no mencionado romance, recria uma dessas viagens de retorno de antigos escravizados no Brasil ao continente africano, inspirado na experiência pessoal da descendente de uma ex-escravizada que empreendeu uma viagem de volta à Nigéria, em 1889, a bordo de um navio chamado *Aliança*.

Palavras-chave: Afrodescendência. Agudás. Diáspora. História. Identidade. Literatura Brasileira.

*Resumo*

Navio Negreiro

Lá vem o navio negreiro  
Cheio de melancolia  
Lá vem o navio negreiro  
Cheinho de poesia...  
Lá vem o navio negreiro  
Com carga de resistência  
Lá vem o navio negreiro  
Cheinho de inteligência.  
(Solano Trindade)<sup>1</sup>

Atualmente, verificamos que muitas narrativas ficcionais vêm sendo utilizadas nas escolas como objeto de trabalho para dar cumprimento às disposições da Lei 10.639/2003 – a qual torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana em todas as escolas, públicas e particulares, do Ensino Fundamental até o Ensino Médio – o que nos leva a buscar uma análise da possibilidade de aproximação entre as linhas de estudo da Literatura e outras disciplinas tais como a História e a Geografia, dentre outras.

Assim, esse trabalho objetiva a apresentação de alguns aspectos do romance *A casa da Água*, do escritor ubaense Antonio Olinto, relacionados com o traslado de ex-escravizados e de seus familiares afro-brasileiros em direção ao outro lado do Atlântico Negro. Nesse sentido, entrecruzando os aspectos da realidade de navios negreiros e, posteriormente, de viagens de veleiros do século XIX, utilizados como transporte aos ex-escravizados em sua jornada de retorno à África, com o trabalho de re-criação ficcional do referido autor, fazemos nas linhas subsequentes uma abordagem panorâmica do romance em questão, considerando os pontos de proximidade entre a ficção e a realidade histórica.

Antonio Olinto, em *A casa da água*, recria uma dessas viagens de retorno de antigos escravizados no Brasil a bordo de um veleiro de nome *Esperança*, inspirado pela experiência pessoal de Romana da Conceição, a descendente de uma ex-escravizada que empreendeu a viagem de volta à Nigéria, em 1889, a bordo de um navio chamado *Aliança*.

*A casa da água* narra a saga vivida por Mariana, com início na cidade de Piau/ Minas Gerais. A narrativa possui instantes significativos, passados a bordo do navio a que Antonio Olinto, com habilidade, dá o nome de *Esperança* e vai retrabalhar aspectos da viagem real empreendida pelos retornados, os que serão chamados posteriormente de *agudás*, em direção à África.

Olinto coloca o leitor diante de um movimento contrário ao que trouxe forçadamente os africanos para as terras brasileiras, o que nos remete ao imaginário dos navios negreiros. Se no passado não havia esperança para os negros capturados e submetidos ao comércio escravista, há no presente uma redobrada esperança da ex-escravizada Catarina, avó de Mariana, em rever a terra natal.

Com relação a essa experiência de retorno e os contextos diaspóricos, vale ressaltar um aspecto apontado por Stuart Hall (2003, p. 28) acerca da noção de diáspora, qual seja a expectativa e a *promessa de um retorno redentor* que pontua a existência dos indivíduos que se viram submetidos, forçadamente ou não, à experiência da dispersão, do espalhamento. Nesse sentido é curioso verificar que não há retorno para Epifânia (filha de Catarina) e seus filhos (netos da velha ex-escravizada), pois não nasceram em solo africano e, para os mesmos, a viagem não significa uma volta às origens.

Antonio Olinto não transporta Catarina e sua família, assim como todos aqueles que também almejavam o retorno à África, imediatamente para o interior do veleiro, mas tece aos poucos a experiência da viagem, contando-nos os detalhes dos preparativos, a passagem por Juiz de Fora, depois pelo Rio de Janeiro e posteriormente por Salvador, cidade em que se dá um período para reencontros e para uma adaptação ao ritmo da cidade, este pontuado por um intercâmbio comercial e consequentemente cultural acentuado com a África.

Passados mais de dois anos, a viagem a bordo do *Esperança* tem seu início. Nesse ponto é possível verificar que Antonio Olinto trabalha as imagens do retorno de maneira significativa, numa simbologia que talvez possa ser resumida na ideia de um *navio negreiro visto em seu sentido contrário*, em que aspectos que marcam a *semelhança* e a *diferença* entre as duas realidades são sutilmente recriados.

Dos aspectos a se destacar na viagem re-criada na ficção olintiana a partir da viagem realizada a bordo do *Aliança*, vale ressaltar: o antagonismo das sensações experimentadas pelos viajantes (“andavam com calma, de vez em quando paravam e abraçavam amigos, gente chorava, outros riam, achando graça em tudo, a manhã caminhava clara”), a unidade familiar preservada (“Catarina conduziu toda a família ao porão”), a pluralidade de pessoas e de idiomas (“o convés do navio estava alegre, homens gritavam coisas, as palavras olorum, aláfia e

Alá eram as mais repetidas”). Todavia, talvez nenhum outro ponto mereça maior atenção que o fato, sutilmente trabalhado pelo autor, de a família ser levada do porão do navio – ao qual fora conduzida por equívoco ou por uma memória corporal do passado vivido pela matriarca Catarina – a instalações com camas para se dormir (“– Não é aqui que se dorme, não iaiá. Mande os homens trazerem seu baú que eu lhe mostro seu lugar.”). A expressão *seu lugar*, direcionada à personagem Catarina, guarda importante significado nesse navio outro, se considerarmos que a velha matriarca outrora conhecera toda a escuridão, a violência e as incertezas do porão de um navio negroiro.

Inúmeros relatos da crueldade praticada contra os negros nos porões dos navios negreiros rebatem, em sentido contrário, a experiência do retorno aqui narrada. Entretanto, há que ressaltar a nuance de utopia circunscrita na ideia de retorno, uma vez que, para os indivíduos dela imbuídos, tal noção projeta uma identidade em um lugar que lhes é sempre melhor do que aquele ocupado no presente. Nesse sentido, um dado que, no âmbito da questão da viagem dos retornados, não pode deixar de ser considerado consiste na inadaptação de muitos deles à realidade encontrada em África, ou na não identificação de uma terra que há muitos anos ficara para trás, alimentada apenas pela memória, o que em casos não raros, acabou implicando no próprio desejo de volta ao Brasil.

Alberto da Costa e Silva (*apud* CUNHA, p. 13) identifica essa dupla viagem empreendida pelos ex-escravizados, envolvidos no dilema aqui mencionado, ao tecer as seguintes considerações:

(...) esses ex-escravos que retornaram do Brasil para a África ficaram marcados por duas travessias do oceano: a primeira, uma viagem cheia de medo, rumo a um desconhecido que o estar manietado num porão sufocante e escuro do navio antecipava monstruoso; a segunda, uma viagem de esperança, durante a qual os dias da meninice se tornavam cada vez mais próximos. Ao longo dos anos de cativo em terras brasileiras, tinham acarinhado a lembrança da aldeia natal, um paraíso de que tinham sido exilados, mas que esperavam um dia reabitar. Essa saudade se abrandou, mas não morreu neles, quando já na África, viram ser impossível voltar ao chão da infância e, mais ainda, ao tempo perdido. Começaram, então, a entretecer novas saudades: as da juventude e mocidade, passadas num Brasil que nas suas memórias se adoçava. Houve, e não foram poucos, aqueles que, arrependidos ou inquietos,

voltaram a atravessar o oceano, e mais de uma vez. Na África eram tomados pela nostalgia do Brasil; no Brasil, tinham saudade da África. (COSTA E SILVA *apud* CUNHA, 2012, p. 13)

Consideradas, cada uma em seu tempo específico, as muitas experiências de travessia oceânica resguardam leituras e interpretações diversas. Édouard Glissant,<sup>2</sup> por exemplo, em seu livro **Introdução a uma poética da diversidade**, concentra-se na questão da diversidade que se formara no interior dos navios negreiros, demonstrando, de certo modo, os critérios de similitude e diferença a que nos referimos anteriormente entre o fictício veleiro *Esperança*, que conduz os ex-escravizados e seus familiares brasileiros à África, e o histórico tumbeiro que transplantava os negros aprisionados para as Américas, o mais das vezes, fragmentando seus laços de família, e, muito além disso, sua identidade.

Por outro lado, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2012, p. 44) – ao tratar das espécies de solidariedades que se estabeleciam entre a população de libertos e de escravizados no Brasil – lembra a solidariedade que aparentemente gerava a união de membros eventualmente pertencentes a etnias diferenciadas, qual seja a solidariedade surgida no interior dos navios negreiros.

Manuela Carneiro ainda faz uma ressalva no sentido de que a referida solidariedade se tratava de uma “irmandade de sofrimento, mas que podia cessar com a dispersão dos escravos recém-chegados”, e remonta a outros teóricos para destacar que os companheiros de viagem no tumbeiro chamavam-se uns aos outros por *malungos*, cultivando a afeição uns pelos outros. Esse mesmo vocábulo também foi o que, significativamente, veio a ser empregado – noutra capítulo da resistência ao sistema escravocrata implantado no Brasil – como mútuo tratamento entre os habitantes do quilombo de Palmares.

Vale-nos lembrar que, tal qual os navios negreiros, o fictício navio *Esperança* enfrentou um período de calma em alto-mar e perfez a *middle passage* a que se refere Paul Gilroy (2001, p. 38). A expressão *middle passage* é de uso consagrado na historiografia de língua inglesa, designando o trecho mais longo e mais sofrido da travessia do Atlântico realizada pelos navios negreiros. Havia de ser, assim, um navio a vela, para se render à ausência de vento e, de certa maneira, permitir ao narrador de **A casa da água** o rememorar das agruras por que passavam os negros de África na sua transplantação até o Novo Mundo.

2 “Mas se examinarmos as três formas de povoamento, perceberemos que ao passo que os povos migrantes da Europa, como os escoceses, os irlandeses, os italianos, os alemães, os franceses, etc., chegam com suas canções, suas tradições de família, seus instrumentos, a imagem de seus deuses, etc., os africanos chegam despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua. Porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento em que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua. O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de sua língua.” (GLISSANT, Édouard. 2005, p. 19).

Importante salientarmos o modo como o autor explora os aspectos do substrato da dor implantada pelo tráfico negreiro, e que de certo modo, foram também experimentados pelos viajantes do *Aliança*. O relato de Romana da Conceição é no sentido de que, após a viagem, por exemplo, o *Aliança* permaneceu em quarentena, antes de aportar no solo nigeriano de Lagos, devido às suspeitas de doenças a bordo. De fato, tal qual podemos ver na narrativa olintiana, as pessoas desceram a terra envoltas em pedaços de pano fornecidos pela população.

De um modo específico, retrabalhado, podemos dizer que as cenas descritas por Antonio Olinto assemelham-se a tantas outras que se perpetraram no interior dos tumbeiros, cujas quilhas abriram, sangraram as águas do Atlântico em direção ao Novo Mundo. O navio de volta, o do retorno redentor para os ex-escravizados – ou africanos abrasileirados, na expressão de Verger (1987, p. 8) – é transfigurado na ficção olintiana como sendo o mesmo navio de vinda. Sob outro ângulo, considerando a mesma realidade experimentada pelos descendentes desses africanos que partem em busca de suas origens, a travessia em direção à África não deixa de ser também, com as devidas ressalvas, uma narrativa marcada pela dor.

Pontuada pelo “toque forte do tambor”, a travessia vivenciada pela ex-escravizada Catarina e por sua família é narrada pelo autor com acentuado apelo simbólico, a exemplo do que ocorre numa passagem em que se dá a morte do marinheiro, que nos parece bastante característica, de vez que o mesmo não representa ninguém mais que o próprio traficante de escravizados, o qual atirava nas águas do Atlântico o corpo do cativo que perdia a vida no interior dos tumbeiros.

Na seara da ficção, o narrador de *A casa da água* descreve em Olinto (1988) que “O vento soprava há duas semanas quando morreu um marinheiro, foi a última das mortes na viagem,” (OLINTO, 1988, p.67). Ao especular que os passageiros “diziam que o homem passara dias sem tomar conhecimento do mundo”, este mesmo narrador alerta o leitor para o fato de que o procedimento do traficante de escravizados em relação ao cativo doente que “passava dias sem tomar conhecimento do mundo” não era outro que não o de atirá-lo ao mar. Na passagem em questão, devemos ressaltar a simbologia que há na narrativa de que “a reunião para jogar o corpo no mar se fez quase com raiva”, como a denunciar que a raiva se voltava inteiramente contra o corpo do traficante de escravizados. Ao atirar no mar – com raiva – o corpo do algoz, o escravizado liberto concebido

na ficção olintiana sepulta simbolicamente a memória do navio negreiro. Enfim, ressaltemos em tal passagem a necessidade do ex-escravizado em proceder primeiramente ao sepultamento do traficante que lhe arrancara a origem (aqui representado pelo marinheiro), para só então retornar ao solo natal.

A proximidade entre ficção e realidade histórica uma vez mais se faz evidente nas linhas do romance *A casa da água*, já que, tomando por base um relato da rotina de um navio negreiro do século XVII, podemos verificar o trabalho de recriação empreendido pelo autor. Historicamente, no ano de 1843, o reverendo inglês Pascoe Grenfell Hill (1804-1882) relatou os dias que passou a bordo de um navio negreiro, o *Progresso*, de bandeira brasileira, o qual fora apresado, em 12 de abril, pela marinha inglesa, já numa era de combate ao tráfico de escravizados.

Nas linhas que resultaram no livro *Cinquenta dias a bordo de um navio negreiro*, inúmeros são os testemunhos do reverendo sobre o lançamento de corpos – de cativos e de marinheiros – nas águas do Atlântico, para além de outros eventos que geram pesar e espanto por sabermos não se tratarem de ficção.

Verificamos, por fim, com a narrativa de Antonio Olinto, aspectos importantes, no que tange aos navios que atravessaram o Atlântico nos movimentos da diáspora negra:

O primeiro é que historicamente ocorreram inúmeras viagens de escravizados a bordo de navios negreiros (tumbeiros) a custa do fomento do tráfico negreiro para as Américas (por exemplo o navio *Progresso*, cuja viagem é relatada pelo reverendo Pascoe Grenfell Hill em *Cinquenta dias a bordo de um navio negreiro*; o segundo é que, considerado o *Aliança*, temos a narrativa real da viagem de retorno de ex-escravizados e de seus descendentes ao solo africano de Lagos, na Nigéria; finalmente, o aspecto terceiro consiste no fato de que, considerado, o navio *Esperança*, temos a recriação olintiana da viagem empreendida pelo *Aliança*, na qual o autor lança mão de elementos característicos das travessias realizadas pelos navios negreiros) para falar do ingresso dos retornados (os agudás) no âmbito das sociedades e das culturas africanas da Costa do Benin.

## RESUMÉ

La constatation que plusieurs récits fictionnels sont utilisés dans les écoles comme outils de travail pour répondre aux dispositions de la Loi 10.639/2003 – qui rend obligatoire l’enseignement de l’Histoire et de la Culture Afro-brésilienne et Africaine dans toutes les écoles, publiques et privées, de l’Enseignement Fondamental à l’Enseignement Moyen – nous pousse à chercher une analyse de la possibilité de rapprochement entre les lignes d’étude de la Littérature et autres disciplines telles que Histoire et Géographie parmi d’autres. En ciblant sur le travail de recherche anthropologique et historique qui a orienté l’écriture fictionnelle de Antônio Olimpo dans l’élaboration de sa reconnue trilogie *Alma da Africa*, cet article essaie d’aborder quelques aspects du premier roman qui la compose, c’est-à-dire, *A casa da Água*, publié en 1969 par l’écrivain de Uba. Ces aspects concernent la thématique du transfert des ex-esclaves et leur membres familiaux afro-brésiliens vers l’autre côté de l’Atlantique Noir, expression récurrente dans l’oeuvre du théoricien Paul Gilroy. En entrecroisant les éléments de la réalité des navires négriers non seulement avec des aspects de la routine des voyages des voiliers qui au XIXème siècle ont été utilisés comme transport pour les ex-esclaves dans leur parcours de retour en Afrique mais aussi avec la verve fictionnelle olintienne, nous présenterons une approche panoramique du roman concerné, en considérant les points de rencontre entre la fiction et la réalité historique, susceptibles d’être travaillés par le professeur en salle de classe. La trilogie *Alma da Africa*, sous cette perspective, inaugure de nouvelles possibilités pour l’insertion de la thématique de l’Histoire et de la Culture Afro-brésilienne et Africaine dans le domaine de la réflexion académique, dans la mesure où l’auteur, dans le roman mentionné recrée l’un de ces voyages de retour des anciens esclaves du Brésil vers le continent africain, inspiré de l’expérience personnelle de la descendante d’une ex-esclave qui a entrepris un voyage de retour au Nigéria, en 1889, à bord d’un navire appelé *Aliança*,

Mots-clés: Afrodescendance. Agudas. Diaspora. Histoire. Identité. Littérature Brésilienne.

## REFERÊNCIAS:

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África.** 2 ed. rev. e ampl.. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GILROY, PAUL. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Gaucira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Liv Sovik (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HILL, Pascoe Grenfell. **Cinquenta dias a bordo de um navio negro.** Tradução de Marisa Murray. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

OLINTO, Antonio. **A casa da água.** 4. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1988.

PEREIRA, Édimo de Almeida. **A terceira margem da África: uma análise crítica da reconstrução de identidades afrodescendentes na prosa de Antonio Olinto.** Tese de Doutorado, 2013. (mimeografado).

SILVA, Alberto da Costa e. A África na literatura brasileira. In: **Pensando África: literatura, cultura e ensino.** Carmen Lúcia Tindó Secco, Maria Teresa Salgado, Silvio Renato Jorge (Orgs.). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 17-21.

TRINDADE, Solano. In: CAMARGO, Oswaldo de (org.). **A razão da chama: antologia de poetas negros brasileiros.** São Paulo: GRD, 1986.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia do Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX.** Tradução de Tasso Gadzanis. São Paulo: Corrupio, 1987.